

O Espozendense

ANO XXVII

ESPOZENDE, 6 DE JANEIRO DE 1927

NUMERO 978

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Gesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Ano, sem estar illa 85000 rs.—Numero vulgar 200 rs.—Com esta public. e para fora 105000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs. Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Reclamação, 70 c.—Comun. ou reclamações, linha 25 c. Capoto do selo, cada publicação, 15 c.—Anuncios particulares: linha 50 c. Reclames e obras literarias med. um extm. Não se restituem originaes.

Este numero foi visado pela censura.

Pro-Espozende

(Continuado do n.º anterior)

Tambem, pelos vistos, causou certos reparos o mesmo escrito. Não me parecem muito bem cabidos salvo, é claro, e devido respeito pelo autor. É evidente que eu não quiz riferir-me à actual comissão administrativa da Camara que ainda não deu as suas provas.

O que eu pretendi saliméntar foi o pouco ou nenhum interesse que aos melhoramentos da nossa terra votaram as vereações passadas, excepção feita á gerencia do Firminio Loureiro, único que alguma coisa fez em beneficio de Espozende.

Aquela Avenida de Goios arrastou-se miseravelmente, durante anos, á espera da sua conclusão. A fonte pública, nos 2 anos em que eu fui a Espozende passar as férias grandes, conservou-se sempre sêca, mirrada, sem uma gôta de água que pudesse aproveitar a uma vila inteira que se via na dura necessidade de se abastecer em Goios!!

O Matadouro Municipal, especie de montureira onde se acumulam todas as imundices sem limpêza, sem aceio, sem a mais ligeira observancia das regras mais elementares da hygiene, quem cuidou dele como convinha?

Nada se fazia, de nada se cuidava. Era pouco o tempo para empregar em politiquices de nulo alcance para o povo. E os **poe-tas** da minha terra, caládos como pêtos, la iam gramando tudo sem o menor protesto!!!...

Mas, diz-se, vae entrar Espozende numa fase de engrandecimento. Teremos dentro um pouco luz electrica, água na fonte pública, casa de pescador, matadouro modificado, novo mercado, novas ruas que substituam os bêcos imundos tão perigosos á saude pública, reparação cuidada da largo Rodrigues Sampaio, caminho de ferrô, avenida á beira-rio, etc, etc. Não serei eu quem vá regatiar aos impulsores desses grandes melhoramentos os mais rasgados en-

comios. Muito ao contrario.

Rico ou pobre, monarchico ou republicano, grande ou pequeno, o maior para mim será aquele que com mais fé, com mais patriotismo, com mais amor á nossa terra, em prol do seu engrandecimento se bata, se sacrifique; lal, sincera e desinteressadamente.

E desinteressadamente, condição sem a qual tudo se perderá no conceito publico, o grande tribunal onde terao de prestar contas os homens que ocupam logares de destaque.

Conheço muito bem Valentin Ribeiro da Fonseca. Sou-lhe devedor de várias deferencias. Sei-lhe integro o caracter e limpida a alma. Herdeiro de nome honrado de um grande Espozendense, tenho a certeza absoluta de que trilhará sempre por caminho direito, sem franquias nem desfalecimento.

Bem certo estou de que o progresso da nossa terra só terá a lucrar com a sua interferencia nos seus destinos.

Nada valho para nada presto. Em todo o caso aqui me tem ao seu dispor para auxiliar na dura empresa a que se abalançou. Oxalá que, num futuro mais ou menos proximo, todos possamos dizer do filho o que Espozende inteiro diz do Pai:—Foi um grande Espozendense.—

Mãos á obra, pois. Velhos e moços da minha terra: uns por todos e todos por uns. Preste cada um, no limite maximo das suas forças, o seu concurso lial, sincero, disinteressado, ao bem do cantinho querido onde nascemos e onde repousam as cinzas sagradas dos nossos Paes.

E teremos cumprido o nosso grande dever.

Lisboa, Dezembro de 1926.

Mario Vieira.

Por um lapso de paginação saiu a primeira parte deste artigo sem a assinatura do seu autor e sem a palavra—Continúa, tudo por excessos de afazeres na nossa typografia, onde os serviços tem usado um pouco á matroca.

Que o nosso amigo Mario Vieira, e os nossos bondosos assinantes nos revelem esta falta e outras que não são por nossa vontade mas devidas como dissemos a atrapalhação que no fim do ano sempre se dá nestas casas de trabalho.

Vêr os anuncios na 2.ª pagina.

UM FAMOSO LIVRO

Do novo romance de Aquilino Ribeiro **Andam Faunos pelos bosques**, tao discutido na imprensa da capital, transcrevemos o trecho seguinte:

OS FAUNOS

Está em discussão a tese do reverendo arcepreste de Rio Verde.

Pediram muitos padres a palavra, tao sôfrega e atropeladamente que o cônego rechonchudinho, incumbido de secretariar, na doce birra da direitura, inutilizou três laudas de papel até inscrever pela justa ordem os nomes dos oradores. Coube iniciar o debate ao padre Januário, abade da Rua. Esperava-se uma critica emoliente, sebenteira, enfiada de latim e grego, e rompeu uma catilinária cerrada, esperta, roaz, como se dos faunos ladinos houvesse transfusão de agilidade para o historiografo mavioso.

«Que os demonios fossem mais bastos que as estrelas arrastadas na cauda do Dragão, ele o cria; que pudessem ter contrato carnal com os humanos, já que Santo Agostinho o admitia, graciosamente ele o admitia; agora que Asmodeu, o belo principe da luxúria, o impecavel «dandy», emigrasse de Lisboa, Paris, Londres, para aqueles fraguedos, cebolório! Não, não cabia no seu entendimento que a essas babilónias afamadas, onde as mulheres tomam banho em água de rosas para amaciar a cutis, se pintam como deusas do Oriente, cheiram a nardo e a mirra, andam seminuas pelas praças, estudam sciencias e artes, falam vários idiomas, moçam Pégaso em pêlo, são, numa palavra, torrões de açúcar e cidadelas de sabedoria, de natureza a encarecer a difficuldade da conquista e galardoar o mérito do conquistador, preferisse aquelas piolheiras, onde o mulherio que é virgem, o menos que cheira é a raposinhos, e o experimentado, ao bodum. Para mais, bruto como patas e instintivo como poldras! E, a aceitar como provavel a hipotese do reverendo arcepreste, uma de duas: ou Asmodeu, vencido da vida, senão derrancado de paladar, buscava o deserto para se fa-

zer eremita, ou muito, muito baixo andavam os seus créditos a ponto de transportar para ali a barraca de pantomineiro. Em qualquer dos casos, a extremidade a que Dámaso o refugava só podia trazer descrédito ás doutrinas da Igreja. Mas quê, errara Tertuliano que dera tábuas de bronze, como novo Moisés, ao templo em construção, podia muito bem errar o catequista de Rio Verde. Ah! mas os faunos, que Sua Reverendissima quisera abafar dentro da sua batina, como Hércules aos súbditos da rainha Pigas na samarra do leão de Nemea, esfregava nas mãos de contentes! Vingasse a tese demonista e «ipso facto» teriam alcançado salvo-conduto para prosseguir na gesta libidinosa, eles, cujo génio lascivo é superior a todo e qualquer condicionado, para quem uma zagala vale uma princesa, e a moleirinha descalça a menina mais tiful da Lisbia amada. Mas lavava daí as mãos; a responsabilidade seria dele, inchado de soberba, uma soberba maior e mais desmedida que a do sabatineiro que traz no papo dois epiqueremas de S. Tomás».

E regressando á teima respeitável de ressurgir os homeniculos dos bosques; á sua voz pularam nos montes solitarios da Hélade os sátiros bicornes, os faunos chibantes, e alumados pela luz das estrelas tocaram pandeiros e cimbalos. E viram-se mulheres a correr de lábios tremulos e ancas desejosas, a todo o horisonte, desde as aldeias montesinhas, aninhadas em volta dos larários de Adónis, até as plagas onde Afrodite secou os cabelos de ouro, a sair do mar!

Ao douto humanista, cuja sinceridade removeu profundamente o auditorio, succedeu o pároco de Roufins, na sua voz de veludo, ora discreto ora malicioso. Entrando com a doutrina da Redenção a rebater a doutrina do Satanismo, chasqueou dos Bodins ignavos, dos demonios generais de divisão, das estirpes reais entroncadas em Belzebu. E acabou em propor que, além das medidas preconizadas pelo arcepreste, se instasse pela restauração da força e do pelourinho para todos aqueles que andassem possessos do demonio que S. Nilo chamou Stoliditatis e tem por objectivo cultivar a necidade e apadrinhar os asnos.

Padre Jesuino saiu á barra a proclamar com franca e rude expressão que, em quarenta anos de sacerdocio, só pintados conseguira ver os galhos de Satanás. Muito curial, o padre Chança ponderou que, se o demonismo tinha foros de dogma, doutrina era que a Igreja deixara adormecer, confiando o ministério do Diabo ao de executor de penas na vida futura, e ao de génio incorporeo, incóndito, do mal humano. O Diabo representara um grande e honroso papel no tempo em que não havia policia, nem leis codificadas nem luz eléctrica, nem telégrafo, nem neurologistas e psicopatas; quando esta salsada alastrou pelo mundo, o maganão de alto bordo recolheu a penates, que é como quem diz, aos caldeirões, a frigrir as almas. Deixassem-no mormente não o trouxessem á atmosfera pura das montanhas, que podia dar estoiro, o ultimo e irrevocavel!

Seguiram-se em feira os satélites de Dâmaso, contrapondo á tese moderada a tese maciça dos demonólogos. Se Satanás, segundo S. Paulo, era príncipe do mundo, possuía o dom da ubiquidade admirava que o seu casco de bode calçasse terrinhas que não teem historia nem veem nos mapas? Alem disso, o que a Igreja marcara com selo de infalível, infalível quedava até a consumação dos tempos. Em concordancia, o Demónio do anjo mil, a oferecer no sabat, ao beijo dos catecúmenos, o retro fel-pudo, era o mesmo, ou podia ser o mesmo que, de sobrecasaca e luneta de ouro, vinha preleccionar ao Ateneu acerca de socialismos e républicas.

Com a intervenção de Dâmaso, ateou-se a contumélia, mais execrável que debate na Camara dos Deputados; mais aguerrida que Congresso de pacifistas. Suas Reverendissimas desancavam-se evangelicamente, brandindo o nome de Deus ou de Satanás como Sansão a queixada de burro. Mas o bispo sacudiu a campanha sonolenta dos capítulos, e, mal se ergueu Moura Seco no seu arcabouço de trinca-espinhas em attitude de falar, o tumulto amainou.

—Com indefectível attenção —pronunciou ele, espraçando por sobre os colegas um olhar de irónica benignidade—ouvi as teses do reverendo abade da Rua e do reverendo arcepreste de Rio Verde. Ambas igualmente doutas e substanciais, distintas, porém, na serenidade e cordura. Mas eu quero lançar ao vento do esquecimento as palavras, tão desabridas quão injustas, profetidas contra uma assemblea que me parece dócil e reverenciosa. Por minha parte, tomo êsses agravos á conta de raptos de eloquência e destempero de nervos, e esta indulgência,

longanidade, ou o que é, de certo me há de valer no Céu para contrapêso dos meus pecados. Adiante, pois. Ouvi a ambos com o mais acendrado interesse, e aqui lhes declaro, afigura-se-me que ambos teem razão. Tem razão o humanista, que viu faunos pelos bosques, e tem-na o teólogo que, peugada aqui, acolá, através do seu arceprestado, acabou por identificar a patorra bicúspide, sobrenatural, do Diabo e dos seus fâmulos. Não que sejam uma e a mesma entidade. Pelo contrário, eu os considero possuidos de indole, génio e manhas diferentes. Se o reverendo arcepreste dá licença, tiro desde já o meu chapéu aos faunos, séres benignos e universais, tocadores de gaitinhas e mesureiros, que buscam a solidão para exercer a voluptuosidade, que são lascivos, sim, mas duma lascivia espontânea que lhes está na massa do sangue, inofensivos a menos do denodo que põem em cumprir o seu fado, e nisso não são mais responsáveis que as abelhas que devastam as rosas para lhes extrair o suco com que hão de fabricar o mel. São celes, fugazes, invisíveis, mas existem, que no-lo afiançam as teogonias, existem no seio das espécies, misteriosas e providencialmente como «o verbo sobre o caos». São a face risonha do amor humano, e se tivessem de ser julgados pelo Criador, sem dúvida que seriam absolvidos em seus pecadilhos de luxúria e salacidade. Lá dos demónios arrenego, em tudo merecedores dos anátemas com que os fulmina a santa teologia, o concilio de Latrão e o illustre arcepreste de Rio Verde. São bem os espiritos que vogam as trevas, hipócritas e dissimulados, libidinosos, mas duma lubricidade cerebral, tenebrosa, factores do ciúme e da falsa honra, guardas do serralho, tartufos da castidade e da pudicícia, e que representam, entremetidos no amor, como em tudo, a sua face sinistra. Ora eu cheguei á conclusão, depois de ouvir as lucubrações sólidas de Suas Reverendissimas, que faunos e diabos andam á solta, mas não de comparsasia, que são inconciliáveis, nas aldeias da nossa provincia. Eu busco explicar...

Aquilino Ribeiro.

Missa

4.^a feira, 12 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, mando a Santa Casa da Misericórdia rezar na sua capela, uma missa por alma da saudosa esposa do Snr. João Francisco Pereira, grande bemfeitor da nossa Santa Casa de Caridade.

Em defesa da costa norte

Foi mandado aprontar com a

maior urgencia a fim de seguir de Lisboa para o norte em serviço de fiscalisação de pesca da costa de Portugal a canhoneira «Ibo» do Estado, que virá prestar um bom serviço no destruímento nos aparelhos dos nossos pescadores pelos vapores de pesca hespanhoes que abundam nas nossas aguas.

ANNUNCIOS

ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA E BENEFICENTE DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS D'ESPOZENDE

De acordo com o n.º 22 dos estatutos, convido os Ex.^{mos} Snrs. Socios a comparecer no dia 9 de janeiro p. futuro, ás 14 e meia horas—no edificio do Largo do Senhor dos Aflictos, para discussão e approvação do relatorio e contas relativo ao ano findo, eleição de nova direcção e para tratar de qualquer assumpto que á nossa Associação interesse.

Não havendo nesse dia numero de socios, fica convocada desde já outra reunião para o dia 16 á mesma hora, que funcionará com qualquer numero de socios.

Na secretaria da associação estão presentes as contas para serem examinadas pelos Ex.^{mos} socios.

Esposzende, 31 de Dezembro de 1926

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Alberto Fernandes de Faria

Comarca d'Espozende

EDITOS de TRINTA DIAS

2.^a publicação

Nesta comarca e pelo cartorio do escrivão do terceiro officio correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando Delfino Gonçalves Regado, Antonio Gonçalves Regado e Francisco Gonçalves Regado, solteiros, de maior idade, auzentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos, até final, do inventario orfanologico por falecimento de seu pae Joaquim Gonçalves Regado, morador que foi na freguezia das Marinhas.

Esposzende, 24 de No-

vembro de 1926.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

M. Moura.

O Escrivão

Joaquim Augusto d'Azvedo Correia

CONVITE

A Comissão Executiva Local de Esposzende do Instituto de Socorros a Naufragos, vem por este meio convidar todos os socios que tenham pago as suas quotas até fins de Dezembro ultimo, a comparecerem, no dia 16 do corrente, pelas 15 horas, no edificio deste Instituto, afim de dar cumprimento ao n.º 30 do artigo 51 do Regulamento dos Serviços de Socorros a Naufragos ou seja para eleição dos membros que devem fazer parte da Comissão Executiva Local durante o ano de 1927 e seus respectivos suplentes.

Esposzende, 3 de Janeiro de 1927.

O Presidente,

JAYME OLYMPIO

2.^o Tenente

OFICINA DE FOGUETEIRO

Passa-se

Vende-se toda a ferramenta que diz respeito a uma officina de fogueteiro, a mais completa que existe em Portugal.

Quem pretender comprar pode dirigir-se ao seu proprietario Miguel Rodrigues Barbosa, morador no lugar de Outeiro, freguesia das Marinhas, concelho de Esposzende, o fogueteiro mais querido do Minho, que não só cederá todo o seu estojo de arte, mas explicará segredos que muito interessarão á arte pirotecnica.

Esta venda é motivada por seu proprietario não poder executar a arte em virtude de estar defeituoso da mão direita que o impossibilita de trabalhar.

Postaes ilustrados

Grande variedade e para todos os preços. na Livraria Espozendense, Rua Direita